

Entrevista com ZELJKO LOPARIC

Graduado, mestre e doutor em Filosofia (Universidade Católica de Louvain, 1962; 1965; 1982) e pós-doutorado em Filosofia (Universidade de Konstanz, 1987). Atualmente, é professor titular colaborador da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência de ensino e pesquisa na área de filosofia, com ênfase em história da filosofia e filosofia da ciência, desenvolvendo trabalhos principalmente sobre seguintes autores e temas: Kant, Heidegger, Winnicott, semântica transcendental, epistemologia heurística, pensamento pós-metafísico e paradigma winnicottiano.

1. Como aconteceu o seu interesse pela filosofia da ciência? Como se deu a sua aproximação com essa área da filosofia?

Já no colegial – eu fazia o Colégio Clássico de Zagreb (capital da Croácia), onde a ênfase era nas línguas –, interessei-me pela física, pela história da física e por alguns aspectos da matemática. Até hoje tenho um livro de Max Born¹ sobre a *Teoria da Relatividade de Einstein* (BORN, 1920), que foi traduzido para o croata e que comprei para xeretar. Mas o que eu queria mesmo era me tornar filósofo. Meu interesse principal, naquela época, dividia-se entre Platão² e Kant³. Mais tarde, na Universidade de Louvain, tive como orientador de doutorado Jean Ladrière⁴, que era formado em matemática. A tese dele foi sobre os limites internos dos formalismos. Ladrière dava cursos de Filosofia da Ciência e de História da Ciência. Dessa forma, fui dando continuidade aos meus interesses nessas áreas.

Em 1964, mudei-me para Paris, onde passei dois anos. Lá, segui aulas de vários importantes filósofos da ciência, entre eles Jules Vuillemin⁵, que dava aulas no Collège de France sobre Russell⁶, e Roger Martin⁷, e que mantinha seminários sobre Frege⁸ na École Normale Supérieure da Rue d'Ulm. Também frequentei cursos de matemática, mas sem ser aluno regular. Aprendi de Platão e de Kant que só se entra na filosofia pela matemática; e que só há mesmo ciência onde há matemática. Em Paris, interessei-me por outros assuntos ainda, como a psicanálise – comecei a ler Freud⁹, assisti seminários de Lacan, em 1965/66, na Rue d'Ulm – e Heidegger¹⁰ – entrei em contato com Jean Beaufret¹¹ e segui seminários particulares de

1 Max Born (1882-1970), físico e matemático alemão.

2 Platão (428/427-348/347 a.C.), filósofo grego.

3 Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão.

4 Jean Ladrière (1921-2007), filósofo e lógico belga.

5 Jules Vuillemin (1920-2001), filósofo e epistemólogo francês.

6 Bertrand Russell (1872-1970), matemático e filósofo britânico.

7 Roger Martin (1920-1979), filósofo e epistemólogo francês.

8 Gottlob Frege (1848-1925), matemático, lógico e filósofo alemão.

9 Sigmund Freud (1856-1939), neurologista austríaco, fundador da psicanálise.

10 Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão.

11 Jean Beaufret (1907-1982), filósofo francês.

Henri Birault¹² sobre o filósofo alemão.

Quando cheguei ao Brasil, em 1969, o meu primeiro posto de trabalho foi na UFPb, em João Pessoa (1969-1972). De início, pensei em lecionar sobre Kant e Heidegger, mas logo senti que não era o caso de dar esse tipo de matéria para os alunos de lá. Decidi, então, dedicar-me ao ensino da filosofia da ciência. E me obriguei a fazer eu mesmo, por conta própria, uma formação mais completa nessa área. Tornei-me aluno regular de matemática na UFPb.

Em 1970, iniciei o Curso de Metodologia, em nível de especialização, que, em 1979, deu origem ao Mestrado em Lógica e Epistemologia na UFPb, curso que hoje está extinto. Simultaneamente, aprofun-dei-me no estudo dos autores de filosofia da ciência importantes na época, em particular Popper¹³. Em 1971, fiz uma palestra sobre Popper, sobre seu livro *Conjecturas e Refutações* (POPPER, 1963), na SBPC de Curitiba. Lá havia gente do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP) e eles também – Porchat¹⁴, Giannotti¹⁵ e outros – liam a filosofia da ciência. Em 1972, fui convidado, depois de um congresso da SBPC em São Paulo, a dar um curso sobre filosofia da ciência na USP. Em seguida, no final de 1972, Porchat me chamou, em nome do Departamento de Filosofia, para ser professor de filosofia da ciência na USP. Passei ali quatro anos e, depois, em 1977, fui convidado pelo Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE) da Unicamp para coordenar a área de filosofia da ciência. Em 1982, fui eleito o sucessor de Porchat na coordenação do CLE e me estabeleci profissionalmente como filósofo da ciência. Em certo sentido, ainda hoje sigo os caminhos que iniciei nessa época.

2. O Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência era um centro de filosofia da ciência? Qual era o lugar da filosofia da ciência no CLE?

O ponto forte do CLE era a lógica. A pessoa de referência era Newton da Costa¹⁶ e o grupo em torno dele, com Walter Carnielli¹⁷ e Ítala D'Ottaviano¹⁸, entre outros, continua importante até hoje. A área de filosofia da ciência era, de certo modo, desguarnecida no CLE e não só lá. Na época, não havia no Brasil formação em filosofia da ciência. Quando fui para a USP, fiquei no lugar de Mathew Lacey¹⁹, filósofo da ciência australiano, com formação em física, que saiu da USP em 1972 e foi para os Estados Unidos por motivos familiares. Eu me lembro que, numa carta, ele escreveu algo assim: “Não há filósofos da ciência no Brasil, salvo eu, aqui na USP”. Então, escrevi para ele dizendo: “Não é bem assim, tem eu também, aqui na Paraíba”. De fato, o único outro nome dessa época que se poderia mencionar era o de Leônidas Hegenberg²⁰, que era do ITA e que, portanto, estava fora do circuito universitário federal ou estadual. O Curso de Filosofia e História da Ciência, oferecido a partir dos anos 1976 no Departamento de Filosofia na Unicamp em colaboração com o CLE foi o primeiro desse gênero no Brasil.

3. Continua sendo até hoje o principal centro, não? Pelo menos, a maioria consideraria assim, pois existem abordagens diferentes, mas continua sendo o centro mais importante, não?

Eu creio que sim; no Brasil, sem dúvida nenhuma. Tem outros grupos, mas, em termos da importância da instituição e da projeção nacional e internacional continua sendo o principal centro. Não somente nos campos de ensino e pesquisa, mas também no setor de publicações e de eventos internacionais dedicados à lógica, filosofia da ciência e história da ciência, o CLE ocupa um lugar à parte, sem equivalente

12 Henri Birault (1918-1990), filósofo francês.

13 Karl Popper (1902-1994), filósofo austríaco (britânico).

14 Osvaldo Porchat Pereira (1933-2017), filósofo brasileiro.

15 José Arthur Giannotti (1930-), filósofo brasileiro.

16 Newton da Costa (1929-), matemático, lógico e filósofo brasileiro

17 Walter Carniele (1952-), matemático, lógico e filósofo brasileiro.

18 Ítala D'Ottaviano, matemática e lógica brasileira (data de nascimento não publicada).

19 Hugh Mathew Lacey (1939-), filósofo australiano.

20 Leônidas Hegenberg (1925-2012), lógico e filósofo da ciência brasileiro.

nacional, nem mesmo na América Latina. Pode-se mencionar a Universidade Autônoma do México, onde há um forte grupo de filosofia analítica, mas, em termos de lógica e filosofia da ciência, duvido que no nosso subcontinente haja alguma instituição do mesmo peso que o CLE.

4. Quais são as suas principais teses, concepções e ideias em filosofia da ciência?

Como disse, depois das aulas de Ladrière e dos impulsos parisienses, tendo decidido, no início dos anos 1970, me dedicar ao ensino e pesquisa em filosofia da ciência, concentrei-me em Popper. Mas suas teses nunca me convenceram. Justamente em 1970, Kuhn²¹ publica a segunda edição da sua *Estrutura das Revoluções Científicas* (KUHN, 1970). Eu adquiro esse livro e, de imediato, fico fascinado e me coloco no campo dos kuhnianos contra os popperianos. Escrevo um artigo sobre Popper (LOPARIC, 1971), mas o meu interesse principal passa a ser Kuhn.

Kuhn defende a tese de que a ciência empírica é uma atividade de resolução de problemas a respeito do mundo. Isso já era assim na Antiguidade grega: a ciência empírica grega não visava praticar o jogo de conjecturas e refutações *à la* Popper, mas propor paradigmas (matrizes disciplinares) para a formulação e resolução de problemas numa certa área (movimentos planetários, por exemplo). Começou assim e seguiu sendo assim. As resoluções corretas tornavam-se componentes fundamentais de projetos de pesquisa normal (várias versões da astronomia grega). Via de regra, esses projetos entravam em crise, a pesquisa normal era substituída pela revolucionária, que buscava elaborar um novo paradigma mais eficiente que o antigo. Era quando surgiam revoluções científicas. As ciências empíricas não progridem por acúmulo de conhecimentos, mas por mudanças radicais (KUHN, 1970). As verdades de ontem se tornam erros nos dias de hoje. Essa concepção foi e continua sendo para mim uma ideia central da filosofia da ciência.

Não demorou para eu me dar conta de que Kuhn coloca Descartes²² no seu barco. Descartes teria feito a parte metafísica do paradigma da ciência moderna, que substituiu o aristotélico, e teria produzido métodos poderosos de resolução de problemas. Comecei a ler Descartes para verificar isso. Para minha grande surpresa, constatei que a ciência de Descartes, contida em *A Dióptrica*, *Os Meteoros*, *A Geometria* – não consistia em afirmações sobre as propriedades e, ainda menos, sobre a natureza última das coisas, mas em exemplos de resultados obtidos pelo uso de novos métodos, devidamente explicados, de formulação e solução de problemas empíricos e matemáticos, métodos que incluíam, como a astronomia de Ptolomeu, ficções científicas. O *Discurso do Método*, o único lido pela maioria dos filósofos, trata apenas de generalidades. Os ensaios e mesmo as *Regulae*, de data anterior, dão uma imagem muito mais precisa da *mathesis universalis* cartesiana. Esses textos de Descartes tornaram-se minha literatura principal durante vários anos. Não demorei para me dar conta de que Descartes era um kuhniano *avant la lettre*.

Dediquei a essa descoberta uma palestra na SBPC de Recife, em 1974. Essa tomada de posição, que me reposicionava em relação à história da filosofia e da ciência, causou estranhamento dos colegas da USP que eram gueroultianos. Decidi resolver o assunto. Li Gueroult²³ pela primeira vez. Verifiquei que ele tinha bom domínio da metafísica de Descartes, mas que não entendia os pontos centrais da ciência cartesiana. Ele desconhecia, por exemplo, que o modelo matemático de Descartes não é Euclides e sim Apolônio. A essência da metodologia usada na produção da ciência cartesiana lhe escapava. Escrevi vários artigos sobre isso (ver, por exemplo, LOPARIC, 1975; 1991; 1995; 1997).

No meio do caminho, descobri Carnap²⁴. Na *Estrutura Lógica do Mundo* (CARNAP, 1928), Carnap diz algo que chamou a minha atenção: se um problema é bem formulado, então ele admite, pelo menos em princípio, uma solução. Uma questão que não admitisse, pelo menos em princípio, uma solução, é

21 Thomas Kuhn (1922-1996), físico e filósofo da ciência estadunidense.

22 René Descartes (1596-1650), filósofo francês.

23 Martial Gueroult (1891-1976), filósofo e historiador da filosofia francês.

24 Rudolf Carnap (1891-1970), filósofo alemão.

um falso problema. Já Wittgenstein²⁵ dizia que na ciência não há enigmas. Carnap vai até propor uma linguagem universal para a formulação e resolução, por procedimentos efetivos, de todos os problemas científicos. Era o sonho de Leibniz²⁶ sonhado em termos da lógica de Frege. Essa é a tese central da *Estrutura*, que Carnap depois abandonará, admitindo a derrota do seu projeto inicial neo-empirista, embora os três níveis de análise do discurso científico preconizados por ele – o estudo da sintaxe, da semântica e da pragmática – permaneçam ainda hoje na ordem do dia.

Entretanto, nesse livro encontra-se uma outra afirmação que ficou: a que diz que a tese da solubilidade de problemas bem formulados é também defendida pela filosofia transcendental. Em seu apoio, Carnap cita Oskar Becker²⁷. Ora, a filosofia transcendental tem sua origem em Kant. Motivado por essa dica de Carnap, comecei a reler Kant, que já tinha estudado em Heidelberg, com D. Henrich, no pano de fundo do idealismo alemão. Para minha surpresa, descobri que Carnap tinha razão: que Kant era, de fato, antes de mais nada, um teórico da solubilidade e resolução de problemas filosóficos, matemáticos, físicos, práticos e outros, gerados todos pelo funcionamento da razão humana. Foi assim, que comecei a criar o ambiente intelectual no qual trabalho até hoje: Kant, como o grande patrono da epistemologia heurística, e Kuhn, como seu articulador atual (ver, por exemplo, LOPARIC, 1983; 1987; 1988; 1990; 1991; 1992; 2000; 2001; 2002; 2003; 2005; 2009).

Não me surpreendi ao ver Kuhn declarar, em 1990, que estava desenvolvendo um kantismo pós-darwiniano. Carnap não ficou de fora. Sabe-se que foi ele quem editou a primeira e a segunda edição da *Estrutura das Revoluções Científicas* (KUHNS, 1962, 1970). Por boas razões: havia paralelos significativos entre a concepção carnapiana de uma linguagem universal da ciência, com poderes solucionadores, e a filosofia heurística da ciência, a epistemologia heurística centrada no conceito kuhniano de paradigma. Assim, comecei a juntar no mesmo quadro de referência de Carnap e Kuhn, tendo Kant e, antes disso, Descartes como pano de fundo.

Foi nesse contexto que iniciei meus estudos da psicanálise. Perguntava-me se também a psicanálise não era uma atividade de resolução de problemas. Acabei concluindo que Freud não buscava as últimas verdades sobre a mente humana – ele admitia não conhecer a natureza dos processos inconscientes –, mas que, essencialmente, estava jogando um jogo de perguntas e respostas na área de saúde mental, amparado pela sua teoria da sexualidade e suas ficções heurísticas (a metapsicologia). Perguntei-me, em seguida, se o progresso da psicanálise era cumulativo ou se, ela também, só se tornava mais eficaz passando por mudanças revolucionárias. Foi quando descobri, para minha surpresa, e desgosto de muitos colegas, a existência de uma verdadeira revolução na psicanálise produzida por Winnicott²⁸ (ver, por exemplo, LOPARIC, 2006; 2008; 2013; 2017; DIAS, LOPARIC, 2011). Assim, a partir dos anos 1990, comecei a ter o que fazer até hoje.

5. O que considera serem os pré-requisitos obrigatórios para que alguém seja considerado apto a fazer filosofia da ciência?

Bom, é necessário ter boa formação. A formação inclui, como é óbvio, o conhecimento de uma ciência; inclui conhecimento de lógica. Inclui ainda um bom conhecimento da história da ciência. Tampouco dispensa conhecimento dos clássicos da filosofia da ciência, a começar por Platão, ou mesmo Pitágoras, passando por vários autores menores e acabando em Descartes, Kant e os contemporâneos. Um dos meus primeiros artigos sobre filosofia da ciência foi sobre Osiander²⁹, um defensor do instrumentalismo que continuava o dos Antigos e renunciava o de Kuhn. No primeiro volume de *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, que lancei em 1980, publiquei a minha tradução, com introdução e anotações, do prefácio de

25 Ludwig Wittgenstein (1889-1951), filósofo austríaco.

26 Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), filósofo alemão.

27 Oskar Becker (1889-1964), matemático e fenomenólogo alemão.

28 Donald Woods Winnicott (1896-1971), pediatra e psicanalista inglês.

29 Andreas Osiander, o Velho (1498-1552), teólogo, matemático e professor universitário alemão.

Osiander a *De Revolutionibus Orbium Coelestium* (1543) de Copérnico³⁰. Tive o prazer de ver essa tradução e a introdução reeditadas, na mesma revista, no volume que festejava os seus 20 anos de existência.

6. Mas uma formação completa? Ou seja, um profissional formado, que depois migra para a filosofia da ciência?

Quanto mais souber, melhor. Eu me dei ao trabalho de estudar matemática por três anos. Depois, mais recentemente, estudei anos a fio Freud e Winnicott. Sem familiaridade com o trabalho científico é muito difícil alguém estudar proveitosamente temas filosóficos que dizem respeito a esse trabalho e seus resultados. No CLE tinha gente como Harvey Brown³¹ e Michael Wrigley³², que eu mesmo trouxe do exterior, que eram formados em física e faziam filosofia da física, da física quântica, inclusive. Para fazer um contraponto com a filosofia da física, decidi tomar providências para que se estude filosoficamente uma ciência humana. A sociologia da época parecia-me pouco articulada e campo fértil para ideologias; a economia, técnica demais. Então, escolhi a psicanálise e criei, no CLE, em 1984, o Curso de Fundamentos Filosóficos de Psicologia e Psicanálise (FFPP), primeiro nessa área no Brasil, que tratava tanto de fundamentos quanto do conteúdo propriamente dito dessas ciências. Trouxe para a Unicamp Bento Prado Jr.³³ e Osmyr Gabbi Jr.³⁴ Começamos por ensinar Freud e, depois, incluímos outros psicanalistas freudianos, M. Klein³⁵ em particular.

7. Seria algo como alguém que não lê muita poesia falar sobre poesia?

Pois é. Ou então, é como ser filólogo, que não se interessa pela poesia que lê, mas apenas pela língua usada por poetas.

8. Ao mesmo tempo, não basta ser cientista para poder fazer filosofia da ciência, seria isso? Há a necessidade de uma formação clássica em filosofia e conhecimento da lógica.

Sim, um conhecimento da história da filosofia, em particular da epistemologia, é importante. O tratamento de aspectos mais técnicos da filosofia da ciência (análise conceitual, reconstrução de estruturas teóricas e da argumentação) passam pela lógica inevitavelmente. Além disso, o conhecimento de matemática é indispensável para quem quer fazer filosofia das ciências naturais.

9. Quanto ao estudo da história da ciência, seria este também um requisito como pré-requisito para se tornar apto a estudar filosofia da ciência? Ou seria algo que poderia vir posteriormente?

Não há dúvida de que existe uma conexão muito íntima entre a filosofia da ciência e a história da ciência. Contudo, em certos níveis de análise, a formação em aspectos técnicos pode ser suficiente para definir um profissional na filosofia da ciência. Eu mesmo passei muito tempo trabalhando a semântica, a de Tarski e Carnap, à luz da qual reconstruí a filosofia transcendental de Kant como uma semântica *a priori*. Para quem trabalha Kant assim, não é importante saber, por exemplo, como a física de Newton³⁶ chegou a Kant. A história da mecânica newtoniana era muito menos importante do que a reconstrução do discurso newtoniano elaborada por Kant.

Lendo Winnicott, dei-me conta rapidamente que ele mudou a linguagem e o mundo da psicanálise, mas logo percebi também que, para poder entender essa mudança, eu tinha que estudar Freud melhor

30 Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo e matemático polonês.

31 Harvey Brown (1950-), filósofo britânico.

32 Michael Wrigley (1953-2003), matemático e filósofo inglês.

33 Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior (1937-2007), filósofo e escritor brasileiro.

34 Osmyr Faria Gabbi Jr., filósofo e psicanalista brasileiro.

35 Melanie Klein (1882-1960), psicanalista austríaca.

36 Isaac Newton (1642-1726/27), filósofo natural inglês.

ainda. Assim, boa parte do meu trabalho em filosofia da psicanálise tornou-se um estudo da história da psicanálise; não apenas da matriz disciplinar de Freud e da nova de Winnicott, mas também do caminho de Freud a Winnicott. Isso exigiu, ainda, o estudo sério de diversos autores que traçaram esse caminho, como Klein e Lacan³⁷. Quando passei para a psicanálise, a história tornou-se imprescindível.

10. Quais seriam as principais questões ou temas da filosofia da ciência?

Eu só posso responder dentro do quadro das minhas ideias preferidas, sobre as quais trabalhei. Evidentemente, a análise da linguagem científica, em particular, o estudo da semântica, permanece uma das tarefas essenciais. Outro tema importante são os ‘compromissos instrumentais’, procedimentos pelos quais o arcabouço teórico de uma ciência é utilizado e aplicado no *matter of fact*, nas situações e problemas concretos. Isso inclui também a teoria dos problemas. Um bom filósofo da ciência precisa saber o que é um problema matemático, o que é um problema físico, o que é um problema psicológico; enfim, o que são os problemas científicos, em oposição aos não científicos, mas que nem por isso são menos importantes e prementes.

Uma das coisas que se aprende lendo Descartes é que a sua contribuição à história da ciência consistiu, em boa parte, em definir com precisão uma série de problemas da matemática, da física e mesmo da medicina. Na matemática, ele constituiu a categoria de problemas algébricos, problemas que admitem ser formulados em termos de uma equação algébrica acompanhada de um algoritmo de sua resolução. A tarefa de formulação de problemas no quadro de uma teoria é um aspecto extremamente importante do trabalho científico, tão essencial quanto a formulação da própria teoria. Carl Boyer³⁸ disse que o principal legado da matemática grega não é a axiomática de Euclides, mas os famosos problemas não resolvidos, pois foram eles que impulsionaram o progresso da matemática. Um exemplo é o problema de Pappus (Papo, de Alexandria), cuja solução estabeleceu a reputação de *A geometria* de Descartes.

Problemas e suas soluções são, diz Kuhn (1970), os exemplares a partir dos quais se ensina como fazer ciência. A formação de um cientista não consiste apenas na parte teórica, mas também na prática. O estudante é treinado em resolver problemas. No final da aula teórica, o professor diz: “Agora vocês vão para o laboratório para ver se isso funciona” ou “Bom, levem esses problemas pra casa, vamos ver quem resolve.” Esse *problem-solving*, a exposição ao desafio dos problemas, é básico para o ensino da ciência, e não apenas nas ciências naturais. Tanto Freud como Winnicott prescrevem para profissionais de saúde mental formação específica em atendimento de pacientes.

11. Qual é a situação atual da filosofia da ciência no mundo e no Brasil?

Eu não sou a pessoa mais indicada para responder a essa pergunta. Já há algum tempo faço algo bem especializado, a filosofia da psicanálise, com alguma inspiração heideggeriana e com forte inspiração kantiana, tendo Kuhn como base. Se alguém me perguntasse hoje, “Você acha que Kuhn permanece atual?” Eu diria que sim. Hacking³⁹ (2013) escreveu, por ocasião dos 50 anos da publicação da *Estrutura*, que Kuhn permanece absolutamente atual e que ele mudou a filosofia da ciência para sempre. Eu concordaria com isso, mas, para dizer a verdade, se alguém perguntasse se eu acho que Kuhn ainda hoje está no centro do interesse da filosofia da ciência, eu não saberia dizer ao certo. Para mim está.

Nos anos 1970, a filosofia da ciência, impulsionada pelo neo-positivismo de inspiração kantiana, era um ramo privilegiado da filosofia, do qual se esperava muito. Entretanto, com a crise do neo-positivismo, com a chegada de Kuhn, que trouxe novos elementos para o estudo da semântica e da pragmática, e com a filosofia analítica tornando-se cada vez mais exótica, a onda de filosofia da ciência passou e

37 Jacques Lacan (1901-1981), psicanalista e psiquiatra francês.

38 Carl Boyer (1906-1976), matemático e historiador da matemática estadunidense.

39 Ian Hacking (1936-), filósofo canadense.

ela começou a ceder espaço para um amplo espectro de disciplinas que incluía a história da filosofia. Essa virada foi muito marcante entre nós que fazíamos filosofia da ciência no Brasil. Nós nos tornamos, muitos de nós, leitores de Kant. Que o diga a Sociedade Kant Brasileira, que fundamos. Kant, de repente, revelou-se uma fonte de inspiração sem igual, inclusive para repensar a filosofia da ciência e a filosofia analítica.

Nos dias de hoje, estamos numa crise não só da filosofia da ciência, mas da filosofia ela mesma. Ninguém mais produz sistemas filosóficos. Mais ainda, a fragmentação da área parece irremediável. O discurso filosófico mudou. Sloterdijk⁴⁰, por exemplo, criou um modo de filosofar que consiste na mobilização de metáforas para dizer coisas que Kant e mesmo Heidegger ainda diziam por meio de conceitos. Com forte participação midiática, Sloterdijk é um claro sintoma do que acontece hoje em filosofia em geral. Ela está sendo levada cada vez mais na direção da retórica, buscando convencer, sugerir e animar. Pode-se ver isso em movimentos de certa inspiração filosófica, como o feminismo, que está embarcando cada vez mais num discurso militante. Heidegger foi radical: em 1964, diagnosticou o fim da filosofia. A opinião pública percebeu esse mal-estar na filosofia. Hoje em dia, os filósofos são pouco consultados sobre qualquer coisa. Eles não são mais referências obrigatórias nem para falar sobre direitos humanos, ética, psicanálise ou guerras. Quem fala desses assuntos são os formadores de opinião pública, profissionais de várias áreas que viraram jornalistas. Aliás, muitos filósofos estão marcando presença nos programas de televisão. Não é somente a filosofia da ciência que está em crise, toda a cultura filosófica está em crise. Ela está se tornando cada vez mais irrelevante ou sectária.

12. Hoje, ouvimos um eco muito forte do positivismo lógico naqueles que defendem a ciência em face de controvérsias públicas que ocorrem devido a problemas sociais que surgem, como a questão da vacinação, por exemplo.

Pelo que sei dessas controvérsias, elas me parecem mal fundamentadas. Não vejo o que se possa objetar ao projeto de formular problemas sociais como científicos no sentido de Carnap e Kuhn, pois assim eles poderão ser resolvidos de maneira eficaz. Isso não significa, contudo, que, para Carnap, todos os problemas da vida humana possam ser formulados e resolvidos dessa maneira. O abalo pela morte de um ser humano próximo ou a angústia diante da própria morte, por exemplo, não são para ele “problemas”, mas situações da vida prática a serem encaradas como tais.

13. Como está hoje a filosofia da ciência no Brasil? Quando começou, o senhor era a segunda pessoa no Brasil, havia o Lacey e o senhor. Hoje, já há bastante pessoas trabalhando em filosofia da ciência.

Nós formamos muitas pessoas na Unicamp. Hoje existe um forte grupo de lógica e filosofia da ciência em Florianópolis. Na Federal do Rio Grande do Sul também. No Rio de Janeiro trabalha o Antonio Augusto Videira. Na Paraíba, está o André Leclerc. Há muitos nomes, poderia citar vários outros.

14. Esse movimento seria mais forte aqui no Brasil ou isso ocorre em todos os lados? Pergunto isso pois há uma crítica ao ensino da filosofia no Brasil e América Latina que diz que, enquanto no hemisfério norte ocorrem debates vivos sobre diversos temas, aqui nós acabamos somente formando historiadores das ideias.

Até mesmo para formar historiadores de ideias é necessário ensinar a prática da discussão. No Brasil, muitos colegas ainda se escondem nas citações de textos de outros autores, em grande maioria estrangeiros. Poucos se dispõem a enunciar teses próprias, frequentemente escrevem apenas para mostrar que sabem o que disseram autores estrangeiros considerados importantes por algum motivo. Em

40 Peter Sloterdijk (1947-), filósofo alemão.

consequência disso, se e quando discutimos com eles, ficamos praticamente obrigados a discutir suas referências bibliográficas. Sofremos ainda de um certo colonialismo internalizado também na área da filosofia. Acho que isso faz parte da história da formação intelectual no Brasil. Há sinais claros, entretanto, de que discussões internas bem nutridas estão começando a ser valorizadas e estão chamando atenção. Enquanto isso, nos Estados Unidos não faltam grupos que discutem entre si, mas muitos se afogam nisso, caindo numa espécie de narcisismo das disputas endógenas, cuja relevância é muitas vezes questionável. A cultura se cria, não se importa.

15. A sua busca de estudar um campo do conhecimento seria um modo de ir além da atuação somente no campo da filosofia, sendo que essa atuação acaba tendo uma relevância maior na vida.

Winnicott não apenas produziu programas para o tratamento de distúrbios do amadurecimento humano, como foi um clínico engajado em oferecer ajuda individual e assistência social. Ao articular e desenvolver as ideias de Winnicott, fazendo com que a sua obra se torne mais conhecida e acessível, creio que trago, eu também, uma contribuição, por pequena que seja, para o atendimento das necessidades da vida humana. Eu sou útil porque Winnicott é útil. Isso para mim é uma questão de princípio. A filosofia não pode ser desvinculada de outros saberes. Pitágoras praticava medicina. Platão bebia e comia com os matemáticos de primeira linha, envolvia-se na política. Deu-se mal. Descartes era cientista, físico e médico amador. Leibniz era cientista de mão cheia. Kant escreveu sobre a história do sistema planetário, as raças humanas e as doenças da cabeça. Entrou na disputa com a Faculdade de Medicina. Heidegger também se envolveu com a política e deu-se mal. Convém lembrar, contudo, que, mesmo pouco penso ao estudo da ciência, Heidegger propôs teses sobre os fundamentos da biologia e tentou repensar a psicanálise freudiana. Bem ou mal-sucedidos, esses são para mim modelos de filósofo. Existem sim problemas filosóficos diferentes de problemas científicos, mas, como diz Kant, eles são conjugados na arquitetura da razão humana.

Profissionalmente, eu me tornei filósofo da ciência. Pensando bem, hoje em dia, eu faço outra coisa: eu trato, como filósofo da ciência, de problemas que escapam à filosofia da ciência propriamente dita. Refiro-me, em particular, a distúrbios do existir humano, que estão no centro dos interesses teóricos e clínicos de Winnicott. O estudo da patologia e da clínica winnicottianas vem sendo extremamente enriquecedor para mim, como profissional de filosofia e como pessoa. Ao sermos confrontados com a crise da filosofia, convém considerarmos que, desde a sua origem grega, a nossa disciplina não é algo que se faça por sua própria conta, num *armchair*, mas um saber sobre a vida humana que se constrói no meio de outros saberes com os quais ela dialoga.

Os problemas mais relevantes, meus e de todos nós, não são aqueles que podem ser bem formulados em termos da ciência ou da filosofia. As perguntas que fazem com que valha a pena a vida dedicada à busca de suas soluções escapam às formulações doutrinárias. Perguntar é a piedade do pensamento, dizia Heidegger. É bom, até mesmo para o filósofo, ter contato com esses assuntos pré-filosóficos ou pós-filosóficos.

REFERÊNCIAS

- BORN, Max. *Die Relativitätstheorie Einsteins und ihre physikalischen Grundlagen*. Berlin: Springer, 1920.
- CARNAP, Rudolf. *Der Raum*: Ein Beitrag zur Wissenschaftslehre, [Ph.D. thesis] Kant-Studien, Ergänzungshefte, no. 56, 1922.
- CARNAP, Rudolf. *Der logische Aufbau der Welt*. Leipzig: Felix Meiner Verlag, 1928.
- HACKING, Ian. Ensaio introdutório. In: KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. 12a Edição. São Paulo: Perspectiva. 2013.

KUHN, Thomas. *The Structure of Scientific Revolutions*, second edition, Chicago: University of Chicago Press, 1970 (1962).

POPPER, Karl. *Conjectures and Refutations: The Growth of Science*. New York: Routledge & Kegan Paul, 1963.

LOPARIC, Zeljko. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. In: Elsa Oliveira Dias e Zeljko Loparic, (Org.). *Winnicott na Escola de São Paulo*. São Paulo: DWW Editorial, 2011, p. 9-17.

LOPARIC, Zeljko. Andreas Osiander: Prefácio ao De Revolutionibus de Copérnico. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (UNICAMP), Campinas, v. 1, n.1, p. 44-61, 1980.

LOPARIC, Zeljko. Andreas Osiander: Prefácio ao De Revolutionibus de Copérnico. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, v. 1, n.1, p. 44-61, 1980.

LOPARIC, Zeljko. *Falsificabilidade e corroboração na lógica da investigação científica de K. R. Popper*. 1971. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

LOPARIC, Zeljko. A procura de um Descartes segundo a ordem de dificuldades. *Discurso*, v. 6, n. 6, p. 151-185, 1975.

LOPARIC, Zeljko. Heurística kantiana. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (UNICAMP), v. 0, n.5, p. 73-89, 1983.

LOPARIC, Zeljko. Kant's Dialectic. *Nous*, v. 0, n.21, p. 573-593, 1987.

LOPARIC, Zeljko. Kant e o ceticismo. *Manuscrito*, Campinas, v. 9, n.2, p. 67-83, 1988.

LOPARIC, Zeljko. Kant e a filosofia analítica. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (UNICAMP), Campinas, v. 2, n.1, p. 27-32, 1990.

LOPARIC, Zeljko. Sobre o método de Descartes. *Manuscrito*, v. 14, n.2, p. 93-112, 1991.

LOPARIC, Zeljko. Kant's Philosophical Method (I). *Synthesis Philosophica*, v. 6, n.2, p. 467-483, 1991.

LOPARIC, Zeljko. Kant's Philosophical Method (II). *Synthesis Philosophica*, Zagreb, v. 7, n.1, p. 361-381, 1992.

LOPARIC, Zeljko. Descartes desconstruído. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* (UNICAMP), Campinas, v. 5, n.1, p. 183-203, 1995.

LOPARIC, Zeljko. *Descartes Heurístico*. 1. ed. Campinas - SP: IFCH, Coleção Trajetória, 1997. 192p.

LOPARIC, Zeljko. *A semântica transcendental de Kant*. 1. ed. Campinas: CLE - UNICAMP, 2000. 335p.

LOPARIC, Zeljko. Acerca da sintaxe e da semântica dos juízos estéticos. *Studia Kantiana*, v. 3, n.1, p. 49-90, 2001.

LOPARIC, Zeljko. *A semântica transcendental de Kant*. 2. ed. Campinas: CLE - UNICAMP, 2002. 357p.

LOPARIC, Zeljko. *As duas metafísicas de Kant*. EDIPUCRS, Porto Alegre, v. 0000, p. 305-318, 2003.

LOPARIC, Zeljko. *A semântica transcendental de Kant*. 3. ed. Campinas: UNICAMP, CLE, 2005. v. 41. 328p.

LOPARIC, Zeljko. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. *Natureza Humana*, v. 8, p. 21-47, 2006.

LOPARIC, Zeljko. O paradigma winnicottiano e o futuro da psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 42, p. 137-150, 2008.

LOPARIC, Zeljko. Kant entre o ficcionalismo de Vaihinger e a fenomenologia de Heidegger. In: Marguerita Cepeda e Rodolfo Arango. (Org.). *Alteridad y amistad*. Homenaje a Carlos B. Gutiérrez. Bogota: Universidad de los Andes - CESO, 2009, v. 1, p. 503-521.

LOPARIC, Zeljko. From Freud to Winnicott: aspects of a paradigm change. *Donald Winnicott Today*, 1 ed., 2013, p. 113-156.

LOPARIC, Zeljko. Achievements of Winnicott's Revolution. In: FONSECA, Eduardo Ribeiro da; BOCCA, Francisco Verardi; LOPARIC, Zeljko. (Orgs.). *Pluralismo na psicanálise*. 1ed. Paraná: PUCPress, 2017, v. 1, p. 64-69.

Nota: A lista completa de publicações de Z. Loparic no período de 1975-2019, com links para edições originais, encontra-se em Acervo Loparic: <https://ibpw.org.br/acervo-loparic/>